

NEM TRABALHADORAS, NEM PROSTITUTAS: ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DE SIGNIFICAÇÃO DAS RELAÇÕES ENTRE AS *SUGAR BABIES* E OS *SUGAR DADDIES*

Caroline Rodrigues Silva¹

Juliana Cristina Teixeira²

Eloisio Moulin de Souza³

Chiara Gomes Costanzi⁴

INTRODUÇÃO

“Estilo de vida *Sugar* é uma escolha, e não envolve em nada a profissão que cada uma queira ter. A *Sugar Baby* não depende disso para viver, ter renda ou ocupar o seu tempo. Ela pode se tornar uma grande advogada ou empresária, atriz, modelo, professora. Qualquer coisa!” (Meu Patrocínio, 2017). A partir da enunciação de que a vida *Sugar* pode proporcionar às *Babies* a escolha de qualquer profissão, tratada como

¹ Doutoranda em Administração de Empresas pela Fundação Getulio Vargas. <http://lattes.cnpq.br/3991958480975070>. <https://orcid.org/0000-0001-7813-2255>. caroline_rodrigues@hotmail.com. Endereço para correspondência: Não informado. Telefone: Não informado.

² Doutora em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Adjunta da Universidade Federal do Espírito Santo. <http://lattes.cnpq.br/3705084565039896>. <https://orcid.org/0000-0001-5186-3234>. julianacteixeira@yahoo.com.br.

³ Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo. Professor Associado da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. <http://lattes.cnpq.br/1916608677096976>. <https://orcid.org/0000-0002-0775-7757>. eloisiomoulin@gmail.com.

⁴ Mestra em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Vínculo profissional não informado. <http://lattes.cnpq.br/4545459177115356>. <https://orcid.org/0000-0001-8885-1093>. chiaragcostanzi@hotmail.com.

estilo de vida, o site de relacionamento Meu Patrocínio busca criar uma distinção entre o que seria uma profissão estereotipada, a prostituição, constituindo a atividade das *Sugar* como um estilo de vida que envolve relacionamentos com interesses mútuos. O estilo de vida *Sugar* atrai, de um lado, as/os *Sugar Babies*, que podem ser mulheres ou homens jovens, destacando-se que o tratamento aqui é dado especificamente às mulheres, e que se enquadrem em um “perfil de beleza, ambição e sucesso!” (Meu Patrocínio, 2017, n.p.). Do outro lado, o personagem do *Sugar Daddy* ou da *Sugar Mommy*, homens e mulheres “bem-sucedidos, generosos, buscando relacionamentos com ganhos mútuos” (Meu Patrocínio, 2017, n.p.).

Com discursos estrategicamente sedutores como “entre para o nosso pote de açúcar” e “Querer do melhor é um problema? Não, é ter bom gosto” (Meu Patrocínio, 2017, n.p.), o site Meu Patrocínio, uma empresa operante no Brasil desde 2015, estimula e aceita cadastros com o propósito de oferecer relacionamentos afetivos. O site foi criado por Jennifer Lobo⁵ em 2015 e propõe relacionamentos baseados em trocas mútuas com o enunciado de que a proposta é encontrar um mentor que ajude financeiramente a *Sugar* nos estudos e na carreira e/ou emocionalmente. Construindo-se discursivamente para homens caracterizados como maduros, o site informa que os relacionamentos que intermedia são diretos, sem joguinhos, com viagens e mimos. As trocas têm caráter financeiro de forma direta, como pagamentos em dinheiro e/ou mimos: roupas novas, carros, pagamento dos estudos, viagens, entre outras combinações que podem ser feitas após o contato entre os *Sugar Daddy* e as *Sugar Baby*. E o que a *Baby* oferece na troca mútua ao *Daddy*? Sua companhia para as viagens, jantares, festas, conversas e sexo. Tudo é acordado entre as partes e com garantia de discrição. A CEO⁶, Jennifer Lobo, fundadora da empresa no Brasil, garante a privacidade, dados criptografados e a construção de perfis para que os usuários se sintam à vontade em compartilhar

⁵ Informação retirada no site Meu Patrocínio de domínio público.

⁶ Informação retirada no site Meu Patrocínio de domínio público.

mensagens e fotos buscando “relacionamentos com trocas mútuas” (Meu Patrocínio, 2017, n.p.).

Nesse contexto, cabe destacar que a atividade ligada ao sexo é ainda considerada um tabu. As mulheres envolvidas na atividade do sexo são historicamente marginalizadas, sendo sua origem no Brasil encontrada no trabalho escravocrata (Oliveira, 2008). Ademais, a prostituição é conhecida por intermediar o campo dos afetos explicitamente com a relação monetária, relações que envolvem troca de sexo, companhia, prazer (podendo ser em separado ou em conjunto) por dinheiro (Mattos, 2009). Além disso, o imaginário popular é permeado por uma relação conflituosa com a atividade da prostituição. De um lado, tem-se a fascinação (do homem) que busca na prostituição a satisfação de todos os seus desejos por meio da intensidade sexual (Mattos, 2009), tornando a mulher objeto de desejo e parte de um contrato estritamente sexual, lugar que a mesma tem que se manter para cumprir o seu papel de meretriz. Por outro lado, em oposição à fascinação, tem-se o fenômeno da caracterização dessa mulher como semi criminoso (Blanchette & Silva, 2009) ou, ainda, a mulher que subverte a ordem da família, o modelo de feminilidade tradicional e hegemônico necessário a um modelo tradicional de família burguesa, que a trata como vilã e excluída (Silva *et al.*, 2013).

Diante do exposto, o presente artigo objetiva analisar o processo de ressignificação do trabalho da prostituição a partir da definição da atividade das chamadas *Sugar Babies*, meninas que propõem relacionamentos de trocas, acordadas previamente, e suas relações com a constituição histórica e discursiva da prostituição enquanto trabalho estigmatizado ou, inclusive, como não trabalho. Nesse contexto, a pergunta condutora do artigo foi: **como ocorre o processo de ressignificação de atividade ligada ao sexo, associado à estereotipia negativa da prostituição, a partir das personagens discursivas da *Sugar Baby* e do *Sugar Daddy*?**

Ao trazer para o campo de estudo um novo tipo de negócio, pretende-se discutir os significados dados aos processos comerciais observados na plataforma *online* Meu Patrocínio. Descrito como a oferta de possíveis relacionamentos, este negócio viabiliza ganhos financeiros diretos para o site Meu Patrocínio, e ganhos diretos e/ou indiretos para a *Sugar Baby*. Assumindo o lugar de cliente, o *Sugar Daddy* contribui com uma mensalidade para o site e, assumindo um lugar de provedor, busca um relacionamento com a *Baby*. Na busca de não estereotipar o tipo de relacionamento proposto, o site discursa de forma contrária à prostituição quando na sessão de conduta dos usuários coíbe o uso do mesmo para fins de prostituição.

Para tal, o artigo está estruturado por esta introdução, pela fundamentação teórica, seguido da apresentação dos caminhos metodológicos, das análises e discussão dos resultados, considerações finais e referências bibliográficas. No referencial teórico, problematizamos a relação das construções de gênero com a objetificação das mulheres nos contratos sexuais e os embates discursivos em torno da atividade do sexo da mulher. A análise e discussão dos resultados, por sua vez, foi dividida em dois tópicos: 1) a reconstrução da narrativa da trajetória de vida de uma *Sugar* e suas relações com a escolha pelo estilo de vida *Sugar*; e 2) a transformação do trabalho de prestação de serviços que incluem a possibilidade de sexo a partir da personagem da *Sugar*.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As construções de gênero e a objetificação das mulheres nos contratos sexuais

Os seres humanos contam histórias para atribuir sentido ao seu contexto social e ao seu modo de ser. O contrato social, ou contrato original, tem a sua base em direitos e deveres. Com o intuito de minimizar inseguranças presentes no estado natural, os homens trocaram-na, em conjunto com a liberdade, pela liberdade civil e equitativa

garantida pelo Estado. No entanto, as mulheres não participaram como sujeitas do contrato social, pois o papel conferido a elas foi objetificado e subordinado ao homem (Pateman, 1993). Dessa forma, construíram-se diferenças: enquanto para o homem isto significou uma história de liberdade e conquistas, para a mulher, isso significou o silêncio em relação a sua sexualidade (Beauvoir, 1972), a sujeição ao contrato e a subalternidade (Pateman, 1993).

A sociedade, após a formalização do contrato social, foi basicamente estruturada por duas esferas: a pública e a privada. Na esfera pública, encontravam-se os homens discutindo seus direitos, trabalhando, enquanto provedores da família e atuantes em seus deveres cívicos. As mulheres, invisíveis na esfera pública, configuraram-se na esfera privada, espaço em que lhes foi conferida responsabilidade pelo lar, a criação dos filhos, a obediência ao marido e anteriormente ao pai (Pateman, 1993). Dentro desse contexto, a sociedade brasileira construiu-se como sociedade patriarcal, transformando em referência as identidades a serem performadas pelos gêneros socialmente construídos (Tyler & Cohen, 2010).

O reconhecimento de performatividades de gênero históricos e sociais construídos acerca das diferenças binárias projetam diferenças na sociedade (Butler, 1993). As discussões sobre desigualdade de gênero, separados dicotomicamente entre homens e mulheres, masculino e feminino, são rejeitadas pelos pós-estruturalistas (Souza, 2016), os quais defendem a necessidade de se pensar para além dos pares opositivos existentes na biologia, e que são ideologicamente construídos na sociedade e na cultura, reforçando diferenças e estabelecendo padrões binários (Butler, 1993; Scott, 1986). Gênero impactou, então, as divisões sexuais do trabalho. Afinal, mediante desigualdades sistemáticas e diferenças hierárquicas, figuraram nesse contexto o trabalhador masculino branco qualificado. Em oposição a este cenário, tinha-se as mulheres, invisíveis no trabalho doméstico, majoritariamente, mulheres negras (Teixeira, Saraiva & Carrieri, 2015). E mulheres brancas que ingressaram tardiamente no

mercado de trabalho, especialmente, no que tange os direitos civis, que durante anos exerceram o trabalho do cuidado não remunerado, admitido socialmente em nome da natureza, do amor e do dever materno (Hirata & Vergão, 2007). Considerando que o trabalho se torna parte estruturante da vida, acompanhando os indivíduos e lhes associando a identidades (Assis & Macedo, 2008), a desigualdade constituída em torno da diferença sexual precisa ser problematizada.

A percepção de formações identitárias associadas ao trabalho confere características similares ou divergentes a grupo de indivíduos pertencentes às várias categorias (Cry & Glynn, 2011). Grupos divergentes são estigmatizados pela sociedade, sobretudo nas instituições familiares e organizacionais. Isso acontece porque o estigma facultado pela sociedade é entendido por características particulares de grupos, considerados incomuns quando comparados a características atribuídas à normalidade (Goffman, 1988). Dessa forma, os estereótipos são instrumentos que permitem a inibição da flexibilidade de pensamentos na percepção, avaliação ou comunicação e atuam como forma de impor sentido à sociedade organizada e reproduzir relações de poder (Freire Filho, 2004). Nesse contexto, os grupos estigmatizados se encontram no universo marginal, associados à desordem.

A proposta deste artigo é trazer essa discussão para o contexto de um segmento de trabalho que inclui a possibilidade de sexo, considerando ser fundamental a conexão entre as relações sociais de gênero e a divisão sexual do trabalho (Scott, 1986; Hirata & vergão, 2007). Tal conexão permite o entendimento de que os lugares das mulheres nas relações dicotomicamente construídas entre público-privado, produtivo-reprodutivo persiste segregacionista (Guiraldelli, 2012), embora haja avanços significativos. Quando se fala do segmento de trabalho do sexo, a personagem histórica da prostituta também está em muitos casos associada a um negócio. Na prostituição, os relacionamentos deixam de ter o padrão socialmente construído de relações idealizadas como centralmente afetivas (e monogâmicas – podendo, no

entanto, ter a conjunção entre afeto e sexo, por diversas vezes experimentadas na história da prostituição) para terem as trocas negociadas (associando-se a trocas típicas de uma economia) como principais protagonistas: de um lado, o sexo e o servir sexual e, de outro, o dinheiro e/ou outros bens de valor monetário associados. Nesse sentido, o próximo tópico do artigo visa aprofundar o debate relacionado à atividade laboral do sexo.

Os embates discursivos em torno da atividade do sexo de mulheres

A problemática em torno da prostituição no mundo está longe de um consenso. Oliveira (2008) relata que, na Holanda, a prostituição é legalizada para maiores de 18 anos, tendo sido contemplados direitos e deveres assim como para qualquer outro trabalhador. No entanto, o país encontra sérios problemas com a imigração ilegal, o que permite que o trabalho continue sendo praticado de forma clandestina na *Red Light District*, um ponto turístico atrativo de clientes de todo mundo. Países como Alemanha, Áustria, Reino Unido e Irlanda defendem que o estado deve ser regulador da prática, enquanto países como França, Itália, Espanha, Portugal, Finlândia, Dinamarca e Luxemburgo consideram o trabalho similar ao de escravidão e incompatível com a dignidade humana (Oliveira, 2008).

No Brasil, conforme dito anteriormente, a discussão institucionalizada mais recente envolve o projeto de lei 4.211 que foi proposto em 12 de julho de 2012, e apresentado à Câmara dos Deputados, de autoria do Deputado Federal Jean Wyllys, do PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) do Rio de Janeiro. A proposta pretende regulamentar a atividade dos/as profissionais do sexo no Brasil. Sua última legislativa se deu em 6 de fevereiro de 2015. Anterior a este projeto, tramitou, no contexto brasileiro, entre 1998 e 2003, o Projeto de Lei 98 de 2003, que dispunha sobre a exigibilidade de pagamento por serviço de natureza sexual. O projeto suprimia do Código Penal os Artigos 228, 229 e 231 e era defendido pelo movimento organizado de prostitutas, tendo sido

encaminhado pelo Deputado Federal Fernando Gabeira do PT (Partido dos Trabalhadores) e arquivado em 2011 (Câmara dos Deputados, 2003). O Ministério do Trabalho reconhece, por meio da Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), o profissional do sexo, sendo este definido como: “garota de programa, garoto de programa, meretriz, messalina, michê, mulher da vida, prostituta, trabalhador do sexo” (Ministério do Trabalho e Emprego, 2002, n.p.).

O trabalho do sexo ou da prostituição é motivo de embates discursivos no campo do feminismo, no qual há opiniões divergentes em relação à atividade do sexo de mulheres. Trazendo para o campo dos estudos sociais, algumas autoras como Kathleen Barry (1984) e Carole Pateman (1993) defendem a perspectiva de que a prostituição é opressora, pela qual as mulheres são vítimas do patriarcado. Essa perspectiva é considerada abolicionista e, de acordo com os(as) autores(as) que a seguem, a prostituição não é uma profissão. A perspectiva condena práticas abusivas e opressoras e defende que a prática deva ser erradicada. Isso porque as práticas culturais atribuídas ao comércio sexual permitem aos homens, por meio do pagamento, ganhar o direito, ainda que momentâneo, do corpo das mulheres, o que reforça o processo do contrato sexual (Jeffreys, 2009; Pateman, 1993).

Essa perspectiva reforça o caráter nocivo de objetificar as mulheres, dando ao cliente o direito de usar o corpo comprado e praticar relações sexuais, usufruindo de companhia, ou de utilizar o objeto (as mulheres). Um dos grandes pontos de discussão a respeito da defesa da erradicação da prostituição se refere ao destaque conferido às significativas precariedade e violência características da prostituição, especialmente quando aspectos como classe social e contextos periféricos são adicionados à análise. Além disso, as problematizações acerca da exploração sexual infantil estão presentes, bem como a respeito da existência dos chamados cafetões, que lucram a partir de uma atividade com estruturas marcadamente precárias em vários âmbitos sociais.

Em oposição à perspectiva abolicionista, tem-se a teoria liberal feminista. A perspectiva também é considerada pró-prostituição e defende que as mulheres se empoderam quando, mediante o poder de escolha, decidem comercializar o seu corpo e exercem, por meio dessa decisão, o seu direito de liberdade (o que não quer dizer que deixem de reconhecer a precarização de algumas formas de prostituição). Para tal perspectiva feminista, no momento em que passam a ser trabalhadoras, estas deveriam possuir todos os direitos inerentes aos demais trabalhadores (O’neill, 2001). Assim, se tornariam trabalhadoras de direito e liberdade, exercendo um ato de autodeterminação sexual e equidade (Jolin, 1994). Em concordância com essa perspectiva, há o mencionado projeto de lei em andamento no Brasil, 4.211/2012, de autoria do Deputado Federal Jean Wyllys, do PSOL/RJ. A proposta é regulamentar a atividade dos profissionais do sexo. A partir dessa abordagem regulamentadora, as pessoas que escolhem comercializar seu corpo teriam direitos, proteção do estado e liberdade para exercer a prostituição como trabalho.

Há, ainda, uma terceira perspectiva, que defende o reconhecimento da atividade do sexo como trabalho, e também à sua regulamentação e adesão aos direitos trabalhistas, mas que se afasta da perspectiva liberal, na medida em que não aproxima o trabalho do sexo de uma perspectiva de caminho de empoderamento. Nessa terceira perspectiva, se encontram, inclusive, trabalhadoras do sexo que são ativistas sociais na defesa dos direitos trabalhistas das prostitutas.

Todas essas perspectivas dialogam de alguma forma a reagir aos imaginários populares sobre as prostitutas, sendo alguns deles: a ideia de que sejam contraditórias personagens sociais/sexuais, e mulheres de vida “fácil”. Num senso comum histórico, seria como se as mulheres prostitutas descessem o último degrau da vida moralizada como honesta (Fabricio & Grillo, 2009).

São classificadas comumente entre o baixo e alto meretrício (Blanchette & Silva, 2009). No baixo meretrício, possuem, em geral, baixa escolaridade, poucas condições financeiras, e diversas aparências estéticas. É no baixo meretrício onde estão localizadas em maior número, inclusive, as travestis. No alto meretrício, encontram-se as chamadas acompanhantes de luxo, que nem sempre vão ser identificadas diretamente como praticantes da prostituição. Possuem, num geral, uma beleza mais padronizada socialmente a partir de critérios eurocêntricos, e uma maior escolaridade.

As disputas de narrativa e controle sobre o trabalho sexual são carregadas de preconceções, estereótipos e relações de poder que envolvem a sexualidade (Foucault, 1999). Relações de poder e conflitos morais convivem com uma falta de políticas públicas adequadas, em um contexto de omissões do Estado na garantia dos direitos dessas mulheres (Prada, 2018), seja dentro de uma crítica macro relacionada às possíveis razões pelas quais sobrevivem do trabalho do sexo, seja a partir de uma crítica micro associada à desproteção legal em que exercem a atividade. O que intensifica mais ainda a precarização é uma comum vinculação, especialmente das prostitutas do baixo meretrício, a práticas abusivas da cafetinagem, também presentes no contexto das prostitutas do alto meretrício, mas de maneiras mais veladas.

Dado esse contexto, e os diálogos do campo do feminismo com ele, tem sido feita uma chamada para a assunção de um posicionamento do campo feminista teórico e prático de escuta ativa. Trata-se de um chamado para que se rompa com o status de feministas salvadoras e/ou inquisidoras no processo de tutelar o corpo de mulheres que atuam no trabalho sexual, e precisam dos seus direitos civis garantidos (Piscitelli, 2012; Prada, 2018). Elisiane Pasini convida a reflexões para além do modelo abolicionista e liberal, para que as trabalhadoras sexuais exerçam seu direito de cidadãs, e seu direito de escolha de suas trajetórias.

Em relação às possíveis razões pelas quais essas mulheres buscam seus modos de sobrevivência por meio do trabalho do sexo, o estudo de Dodsworth (2012) identificou, por meio de histórias de vida, motivações como experiências na infância e adversidades na vida adulta. Outro aspecto significativamente ressaltado é a motivação financeira (Russo, 2007) já que, por meio do seu corpo, a mulher pode se manter e a seus familiares. Vários estudos (Oliveira, 2008; Lopes, Rabelo & Pimenta, 2007; Moreira & Monteiro, 2009; Barreto & Prado, 2010) demonstram que os motivos pelos quais essas mulheres entram para a prostituição na maioria dos casos apontam para questões relacionadas a uma vida de dificuldades, miséria, insatisfação e desemprego.

É importante destacar questões econômicas, de gênero, raça e estado nação situadas para compreender as práticas de atividades e prestações de serviço que envolvem o serviço do sexo (Piscitelli, 2005). Toda essa miríade de aspectos envolvidos com a atividade da prostituição abre espaço para os embates discursivos e possíveis ressignificações de práticas de atividades de prestação de serviços vinculada ao sexo. Perpassando as distintas vivências dessas atividades, que trazem especificidades quando se fala de mulheres cis, mulheres trans e travestis que trabalham na rua de forma periférica, até as que atendem altos executivos em redes de luxo, emerge uma nova figura que se vincula ao sexo, mas construída de modo distanciado da significação de trabalho de prostituição: as *Sugar Babies*.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

A abordagem desta pesquisa é qualitativa e de natureza descritiva. Qualitativa, pois pretende um contato direto dos pesquisadores, de forma a não estereotipar ou quantificar os sujeitos e sim estudar o fenômeno e a compreensão do mesmo por meio da própria perspectiva dos sujeitos e dos aspectos subjetivos a ele relacionados (Teixeira, Nascimento & Antonialli, 2013). Descritiva, pois observa e descreve

características de determinado fenômeno (aqui, de ordem discursiva), trabalhando com dados ou fatos da própria realidade (Collis & Hussey, 2005).

A técnica de produção de dados utilizada foi a entrevista com o roteiro semi estruturado com uma *Sugar Baby*, atuante há seis meses [2017], estudante universitária, vinte e dois anos, na qual se elabora um roteiro prévio de questões que podem ser flexibilizadas no momento da entrevista para adequar às especificidades da entrevistada (Alencar, 1999), a qual foi especificamente conduzida no sentido não só de construção de narrativas a respeito da atividade de *Sugar*, mas também de reconstrução, por parte da mulher entrevistada, que teve seu verdadeiro nome ocultado, de narrativas a respeito de sua trajetória de vida. Foi conduzida a entrevista de uma única *sugar baby*, pois, não é o intuito da pesquisa esgotar ou definir *frames* únicos a respeito do que é ser *sugar baby* e sim endereçar para o campo dos estudos organizacionais reflexões contínuas e fluídas as quais perpassam os temas que envolvem relações financeiras, de afeto e/ou sexuais.

Além disso, foram feitas pesquisas documentais de materiais jornalísticos que trazem enunciações discursivas a respeito da *Sugar Baby*, por meio da plataforma Google, utilizando como palavras-chave: *Sugar Baby*; *Sugar Daddy* e Meu Patrocínio. A busca foi realizada no ano de 2017 e foi feita a escolha de uma edição do programa Documento Verdade, da Rede Record de televisão, de concessão pública, que teve como temática especial justamente a atividade das *Sugar Babies*. A edição especial foi exibida no dia 29 de março de 2017, numa segunda-feira. O áudio dos enunciados discursivos produzidos na edição do programa foi gravado para posterior transcrição. Além disso, são dados utilizados nesta pesquisa trechos de enunciações discursivas contidas no site Meu Patrocínio, tendo a coleta dos dados sido realizada nos meses de março e abril de 2017.

A coleta dos dados documentais foi feita após a realização da entrevista com a *Sugar Baby* a fim de que as significações discursivas encontradas no site não influenciassem uma postura de total abertura à sujeita entrevistada para que ela apresentasse suas significações a respeito da atividade. A edição do programa na TV Record, por sua vez, foi exibida posteriormente à realização da entrevista e, coincidentemente, uma das pautas da edição do programa foi a diferenciação entre a atividade das *Sugar Babies* com a atividade da prostituta, corroborando o enfoque e as análises deste estudo.

Os dados coletados foram analisados por meio da abordagem teórico-metodológica da AFD (Análise Francesa do Discurso), que permite a articulação entre elementos ideológicos, históricos e linguísticos (Van Dijk, 1997; Faria, 2009) analisando textos dentro de um contexto sócio histórico. Analisamos as condições sociais de produção de discurso, sempre contextualizando histórica e ideologicamente os enunciados, realizando a análise das relações entre os explícitos, os implícitos, os silenciamentos e os interdiscursos (Saraiva, 2009).

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A reconstrução da narrativa da trajetória de vida de uma *Sugar Baby* e sua relação com a escolha pelo estilo de vida *Sugar*

“Vocês vão me chamar de Marcela”, o nome que é fictício, escolhido pela própria entrevistada com entusiasmo, visa manter em sigilo sua identidade. Marcela é universitária, estudante de jornalismo, vinte e dois anos e *Sugar Baby*, em entrevista realizada em fevereiro de 2017, afirma estar há seis meses na rede *Sugar*. Nesta seção, apresentamos trechos da narrativa que nos remetem a sua trajetória de vida, analisando falas da entrevistada sobre suas experiências de vida e busca de lembranças da infância, adolescência e vida adulta com relação aos processos vividos com a consequente motivação de opção por cadastro no site Meu Patrocínio.

Os meus pais... minha mãe casou, aquela família tradicional, sabe? Ela casou virgem e tal. E meu pai, ele veio de criação muito humilde também. Meu pai tem só o Ensino Fundamental e o emprego que ele tem hoje, ele só tem porque a gente veio... meu pai veio de uma geração que ainda existiam cargos. [...] Eu não sei como que meu pai consegue, porque ele ganha menos de dois mil reais. Minha mãe é desempregada, porque ela teve um câncer de mama e aí ela enfrentou a doença toda sozinha e enfim, meus irmãos também são desempregados. [...] Minha mãe que manda, sabe? Então a gente teve atritos porque às vezes minha mãe precisava da posição dele como pai pra por limite na gente e meu pai não conseguia. [...] . É o jeito dele mesmo sabe? Acorda cedo pra trabalhar, chega em casa, dorme. (FD1, Marcela)

Em termos de condições sociais de produção dos discursos, a família representada como eixo central da vida de Marcela é retratada primeiramente como a família tradicional. Marcela valoriza o fato de a mãe ter casado virgem e seu pai possuir emprego, apesar da baixa escolaridade do pai. A figura do pai reaparece enquanto provedor, confere o lugar na esfera pública e a mãe, por motivo de doença, assim justificado por Marcela, configura a figura invisível da mulher na esfera privada (Pateman, 1993). O enunciado de Marcela, ao explicar a relação dos pais na esfera do lar e no envolvimento da criação dos filhos, ressalta o envolvimento da mãe na esfera privada, silenciada e pouco discutida ao longo da história da sociedade, e encaixa o pai na esfera pública, ainda como aquele que pouco ajuda nas tarefas que envolvem o lar (Pateman, 1993). O “jeito dele mesmo” naturaliza a ausência do pai em casa, justificado pelo trabalho e tratado com normalidade, já a mãe é responsável por exercer o papel socialmente construído, do amor e dever materno (Hirata & Kergoat, 2007).

A minha infância, eu diria que ela foi um pouco conturbada pelo seguinte: [...] Eu sempre me achei mais pra frente assim em relação as minhas amigas e também em relação aos meus irmãos, e como eu sou a filha mais velha, minha mãe teve que vivenciar algumas experiências novas, né? E sou a única menina e então assim, [...] eu sempre senti minha sexualidade muito a florada desde pequena. [...] E assim, minha mãe, [...] ela só batia em mim porque eu só fazia coisa errada, a gente não tinha muito aquela relação de mãe e filha, de ficar abraçada, chamar de filha e tal. Mas isso mudou no momento em que ela deu um surto e me expulsou de casa (FD2, Marcela)

No FD2, há uma interdiscursividade implícita: o discurso de Marcela que deixa implícita a ausência de elementos que expliquem sua sexualidade a florada desde a infância. O silenciamento sobre como lidar com o seu corpo, a passividade encontrada ao ser o outro sexo (Beauvoir, 1972) encontra argumentos no fato de ser menina. A entrevistada justifica ainda, as agressões da mãe, culpando-se por um comportamento inadequado em relação a sua sexualidade (Beauvoir, 1972). Em termos de condições sociais do discurso, suas atitudes são postas em oposição aos irmãos (homens) e consideradas injustificadas pelo fato de ser menina, por meio de diferenciação de gênero (Scott, 1986). As relações de Marcela, enquanto atriz da própria história, são preponderantemente subjugadas e silenciadas na pré-adolescência.

Meus pais começaram a ter atrito dentro do relacionamento deles, [...] tava dormindo em quarto separado e meu pai acordou de madrugada e foi no quarto da minha mãe. E eu acho que ele escutou ela no telefone com alguém, eu não sei o que é até hoje. [...] outro dia de manhã eu fui tomar café pra ele me levar na escola, deixei a xícara em cima da mesa da cozinha,

ele ficou bravo e pediu pra eu deixar na pia. Só que ele ficou muito alterado e ele me bateu muito, [...] ele bateu minha cabeça na parede, ele me espancou mesmo. E eu percebi que ele me bateu por causa da frustração que ele tava sentindo da minha mãe. E ele me bateu muito e isso me marcou. (FD3, Marcela)

Há no FD3 um marco de violência significativo na história de Marcela, a entrevistada relembra episódios de violência vividos na infância, a violência de gênero que atravessa tanto relacionamento conjugal como chega na violência contra a entrevistada. O enunciado da entrevistada apresenta relações familiares conflituosas e não discutidas.

Eu não posso chegar e pedir pro meu pai pra mandar dinheiro pra mim, porque meu irmão acabou de ser preso essa semana [...] É uma situação chata, porque a nossa família é muito bem estruturada. Nunca faltou nada, nunca faltou educação pra gente, [...] só que meu irmão acabou envolvendo com um pessoal meio esquisito e caiu no tráfico. [...] Eu consigo ajuda na faculdade e porque eu me viro pra conseguir dinheiro sem depender dos meus pais mesmo, se não eu não ia estar aqui. A bolsa é de quinhentos reais, só que [...] eu perdi a bolsa [...]. Eu tenho que tentar recorrer pra pegar ela de volta e o mês está acabando, e aí né? Eu pago trezentos reais nesse quarto, fora as contas e tal. (FD4, Marcela)

A enunciação que produziu o FD4 se liga ao tema da tradição e da estrutura familiar, embora seu irmão se encontre numa via à margem da que seria implicitamente comum ao contexto de uma família oposta: não estruturada, ou que falte bens necessários à sobrevivência. Tal cenário exige que Marcela se adeque à situação de estudante

universitária, em uma cidade estranha à de seus pais, sem ajuda financeira. Nesse momento, as dificuldades financeiras se mostram o motivo principal de preocupação de Marcela devido à perda do auxílio que lhe garantia a estadia na cidade em que reside. Assim, sua família deixa de ser o eixo central, e ela passa a ser responsável por si mesma, e por sua falta de condições. Neste discurso da entrevista, fica implícita outra contingência (Prada, 2018), a falta de recursos financeiros, a qual remete uma das justificativas para a vida de *Sugar Baby*.

Mas isso mudou [conflitos com a mãe] no momento em que ela deu um surto e me expulsou de casa. [...] Chegou num ponto que não dá mais pra eu ficar dentro de casa, [...] hoje em dia tá mais tranquilo. [...] Eu até comento com minhas amigas que hoje meus pais me chamam de filha, eles me abraçam, sabe? Eles falam que me amam e isso é uma coisa que, apesar de eu saber que eles me amavam, na minha infância eles não demonstravam, sabe? E aí como eles me batiam e brigavam muito comigo, hoje que eu fui descobrir que minha mãe gosta de mim e me trata como filha, sabe? [choro]. (FD5, Marcela)

Analisando-se os aspectos do discurso de FD5, a narrativa da entrevistada traz o descobrir dos sentimentos dos pais e o pertencimento dela à família, enquanto filha amada. A saída de casa representou tanto uma motivação de sentido negativo – a expulsão de sua mãe - como também um ponto de partida para a reconfiguração das relações familiares. O momento foi marcado também pela conexão com um relacionamento afetivo.

A gente começou a se conhecer e ele [ex-namorado] já estudava aqui, aí eu vim pra cá. Inclusive eu até morei com ele um tempo, apesar de eu ter minha casa, eu ficava só na casa

dele e ele pagava almoço, janta, me levava e me buscava na faculdade. Então eu fiquei bem mal acostumada e quando a gente terminou foi um choque muito grande, porque foi um relacionamento muito conturbado pra mim, apesar de ter durado pouco tempo. [...] Foi um ano e meio mais ou menos. E assim, era um rapaz maravilhoso, perfeito, que cuidava de mim mesmo, sabe? Só que ele era muito ciumento, [...] ele era muito inseguro. [...] Quando ele começou a fazer essas coisas eu comecei a surtar, e foi bem na época que eu comecei a fazer estágio. E aí misturou relacionamento, com estágio, com faculdade e eu comecei a desenvolver depressão, e aí ele terminou comigo. (FD6, Marcela)

Os aspectos explícitos no discurso de Marcela descrevem seu antigo namorado como provedor (Hirata & Kergoat, 2007). Foi a pessoa com quem encontrou ajuda financeira, e um nível de segurança de maneira distanciada das questões que a afastavam do apoio familiar. No entanto, quem também apresentou uma prática afetiva ciumenta, possessiva e insegura. Essa prática se liga a construções sociais que colaboraram para entendimentos culturais de que as mulheres seriam objetos de posse (Pateman, 1993), o que se reflete ainda nas relações afetivo sexuais contemporâneas.

Ele tem uma cabeça mais conservadora, assim, e ele tentava podar muito do meu comportamento. [...] Eu sou muito aberta, eu sou muito livre, e isso incomodava ele. Ele me julgava pelas minhas atitudes, ele me julgava pelo meu passado, enfim, ele começou a me falar que eu não era legal do jeito que eu era, tipo assim, como se ele me estivesse fazendo um favor de estar comigo sabe. 'Olha só pra você, você é uma vagabunda, uma vadia, você tem que agradecer por eu estar com você'. [...] Ele

pegou e apertou meu pescoço assim, me xingou e saiu, e aí nesse ponto eu vi que dali pra frente ia acontecer alguma coisa pior, porque várias vezes ele ficou tão agressivo que eu senti medo de ser agredida, mas acho que ele, sinceramente, nunca me agrediu mesmo, porque ele tem a carreira dele. (FD7, Marcela)

Em FD7, a sexualidade da entrevistada mais uma vez é pauta de transtorno em sua vida (Beauvoir, 1972). Se, na adolescência, Marcela tinha problemas com a mãe, no início da sua vida adulta, o problema foi transferido ao namorado, que não conseguia entender sua sexualidade aberta e livre, julgando-a e estereotipando o seu comportamento. A pretensão em caracterizá-la como vagabunda e vadia remete à tentativa de inibir a flexibilidade de Marcela em viver de forma livre a sua sexualidade, criando relações de poder (Freire Filho, 2004). Essas relações, se pensadas em seu contexto social, nos remetem a um silenciamento da violência presente no fragmento, uma vez que há menção a um aperto no pescoço e, ao mesmo tempo, a afirmação “nunca me agrediu mesmo”, o que reflete uma dificuldade de significação da violência, seja a física, ou a psicológica, num contexto histórico em que relações afetivo sexuais eram tratadas como sendo uma discussão da esfera privada, e não da esfera pública (Pateman, 1993). Nesse sentido, embora Marcela afirme achar que não tenha havido algo mais evidente por conta da autoproteção de carreira de seu então namorado, não conseguiu nomear o que já havia ocorrido de violência.

Ele me deixou num ponto que eu to assim, gente, eu perdi meu chão, eu perdi minha referência de verdade assim, porque eu confiava muito nele, era uma pessoa que assim, bem paterna assim mesmo, ele me ensinava as coisas, o que era certo e o que era errado. E foi bastante conturbado, mexeu muito com a minha cabeça, eu até hoje to praticando o trabalho de me

desapegar dele, eu ainda gosto dele. E aí eu pensei, vou entrar nesse site que aí eu vou desligar minha cabeça, vou parar de pensar nele. (FD8, Marcela)

No FD8, Marcela traz o namorado semanticamente posto como paternal, reforçando a relação construída num contexto de significações que são efeitos do patriarcado como estrutura social. Além disso, era quem ensinava certo e errado. Ligando esse fragmento a outros em que ela fala da relação familiar, supomos que essa ausência de mais conexões próximas e momentâneas de referência contribuiu para que o namorado fosse colocado nessa posição. Russo (2007) relata ser comum que várias intercorrências emocionais e financeiras possam contribuir para trajetórias ligadas a atividades do sexo. Ao se desvincular do namorado, do sentimento de segurança afetiva e financeira que ele lhe proporcionava, ela toma a decisão de se cadastrar no site de relacionamento Meu Patrocínio.

Ressignificando o trabalho do sexo a partir da personagem da *Sugar Baby*

A partir do momento em que Marcela se cadastra no site Meu Patrocínio, inicia uma relação com uma organização. Para conhecer melhor o universo das *Sugar Babies* e as estratégias discursivas que circulam nele, além da entrevista com a estudante universitária já apresentada como Marcela, analisamos também os discursos contidos no site de relacionamento Meu Patrocínio, e a entrevista dada ao programa Documento Verdade pela acompanhante de luxo Yasmin Mineira, moradora de um bairro na zona oeste do Rio de Janeiro, que possui vinte anos de idade.

Eu sou curiosa e busco novas experiências, quero proporcionar prazer e desfrutar de uma companhia agradável. Prezo por homens sinceros e objetivos que, além disso, gostem de mimar e contribuir para a minha evolução. Conte com a minha

discrição. No mais se apresente e me surpreenda. (FD9, Marcela)

O enunciado “Entre para o nosso pote de açúcar!” (FD10, Meu Patrocínio) contido no site de relacionamentos faz alusão ao pote de açúcar, com o intuito de deixar os clientes interessados a ingressar no mundo *Sugar*. Analisamos em FD9 o perfil criado por Marcela no site Meu Patrocínio, descrevendo quais são seus objetivos e expectativas. Os objetivos e expectativas apresentadas perpassam o caminho monetário (Prada, 2018), por intermédio dos mimos esperados, o que vai ao encontro da própria descrição do site, que menciona a relação com um mentor que ajude financeiramente a *Sugar* (Meu Patrocínio, 2017, n. p.). O discurso do prazer a ser proporcionado e desfrutar de sua companhia, em conjunto com o retorno de mimos, oferece ao *Daddy*, ainda que momentaneamente, o direito do seu corpo (Pateman, 1993; Jeffreys, 2009). Dessa forma, percebemos que FD9 e FD10 trazem elementos discursivos de significação da atividade das *Sugar* que, além de ser nominada a partir de estratégias lúdicas (como “pote de açúcar”, “mimar”, “me surpreenda”), envolvem uma troca para consumo (metáfora “pote de açúcar”) que implicitamente pode envolver uma atividade ligada ao sexo, mas não uma relação de prostituição. Além disso, em nenhum momento a adesão ao site, que é feita de forma gratuita pela *Sugar*, mas paga pelo *Daddy*, é caracterizada como uma relação de trabalho, uma vez que, como descrito no site, “não envolve em nada a profissão que cada uma queira ter” (Meu Patrocínio, 2017, n.p.). Novos significados são postos, assim como novas personagens.

Eu tô procurando uma menina pra mimar, uma menina novinha, universitária, sou casado. Aí nas descrições coloca altura, peso, pápápá, coloca até a renda sabe? Renda mensal. Aí coloca lá dez mil a trinta mil, patrimônio pessoal quinhentos mil. [...] tem muitos homens que tão lá, que eles querem só companhia, ou

que eles querem só contar da vida deles e eles sentem prazer em proporcionar uma ajuda financeira. Eles gostam de saber que eles tão ajudando alguém a crescer. [...] Eles sempre querem alguma coisa relacionada a sexo, mas assim, não é regra. (FD11, Marcela)

Em FD11, onde a entrevistada narra parte das mensagens em que os *Daddies* descrevem seus interesses, percebe-se a interdiscursividade com a maneira como se caracteriza o trabalho da prostituição, uma vez que as prestações de serviços costumam envolver primordialmente sexo (Prada, 2018), mas também refletem outras práticas, como as de fazer companhia ("não é regra"). A entrevistada exemplifica por meio de uma experiência vivida: "Eu já sai [...] com um homem que ele queria só jantar. Ele saiu comigo pra jantar, me deixou em casa, não tentou nada e ele me ajudou" (FD12, Marcela)". A ajuda a que ele se refere é uma ajuda financeira. Russo (2007), ao falar da prostituição, menciona as trocas de companhia por dinheiro.

No entanto, essa relação interdiscursiva é silenciada, o que se justifica num contexto em que o estigma e a hostilidade (Blanchette & S, 2009) são características de como a sociedade reage a aproximações com a prostituição, defendida como trabalho por ativistas.

Eu acho engraçado que a maioria lá gosta de colocar no perfil assim: 'não estou procurando garota de programa', eles não querem o pagar, deitar e ir embora. Eles querem o conversar, eles não querem essa relação de prostituição, eles querem uma menina pra eles mimarem, pra eles darem coisa pra elas sexualmente, e terem uma aventura sexual, ou fora do casamento, né? Ou então alguns são divorciados, né? Aí

passaram muito tempo casados e querem experimentar uma coisa nova, aparece de tudo. (FD13, Marcela)

Analisando o perfil dos *Daddies* em FD13 e suas especificações sobre quem estão contratando, foi observado de forma explícita o preconceito com a prostituição (Goffman, 1988). O que eles oferecem para as *Babies* é um relacionamento baseado em dinheiro (Prada, 2018), como é feito na prostituição (Mattos, 2009). No entanto, observamos que é criada uma nova significação para a atividade, tanto pelo site, quanto por Marcela em alguns de seus enunciados. Nossas leituras também nos fazem associar as características da atividade ao trabalho da prostituição classificado como do alto meretrício (Blanchette & Silva, 2009), inclusive porque há uma escolha estética específica para as mulheres que são escolhidas para estarem no site, mais próximas de um padrão de beleza hegemônico, o que foi mais bem desenvolvido na pesquisa maior que originou este artigo (SILVA, 2020).

Foi uma situação muito complicada, porque ele veio querendo ficar comigo e eu não senti atração nele, porque ele era velho já, sabe? Então tipo assim, eu não achava ele muito bonito e aí ele veio, começou a passar a mão em mim e eu, sério, sério que é assim que tem que ser? Será que é assim que as prostitutas se sentem, sabe? [...] Eu fiquei tentando me imaginar como é. [...]. Vou contra tudo que eu to sentindo, essa repulsa dele tocando meu corpo aqui, vai passar, eu vou ignorar isso aqui. Aí rolou, a gente chegou a transar, mas foi muito rápido graças a deus. Eu só queria que esse homem saísse de perto de mim, assim, mas foi o que eu me propus a fazer, mas na hora de fazer eu pensei nossa isso é mais difícil do que eu pensei, sabe? Eu achei que era só deitar aqui e pronto, só que o sexo ele envolve muito

mais coisa, ele envolve o cheiro, ele envolve o contato físico assim. (FD14, Marcela)

Quando Marcela tem sua primeira experiência na troca de dinheiro por sexo, enunciada no FD15, a associação com a prostituição aparece, em um movimento de reflexão sobre a experiência. Marcela percebe, no momento em que cumpre a sua parte do contrato (Pateman, 1993), que não seria tão fácil ser essa mulher que tem seu corpo sob a posse de um homem no contexto da relação *Sugar*.

Contei pras minhas amigas, falei, 'gente ele deu seiscentos reais' e tal e [...] elas falaram assim: 'Nossa Marcela, nossa queria muito ser você' 'Que isso Marcela, caramba, você deu muita sorte.' [...] Eu questionei muito, sabe? Será que vale a pena? [...] Ai eu falei, juro procê que eu não sei se vale a pena e me expor a essa situação de ter uma pessoa tocando meu corpo e papapa, mas eu precisava, foi o que eu encontrei e eu fui e aí desde então, desde essa experiência, eu procurei me envolver com pessoas que eu pelo menos pudesse ter uma atração física, que eu pudesse ter um sexo casual assim, eu acho que se eu fosse garota de programa acho que eu não teria psicológico pra ser (FD15, Marcela)

A entrevistada, ao perceber a sua passividade, questiona-se se o dinheiro, enquanto valor monetário (Prada, 2018), é vantajoso. No entanto, o tema necessidade aparece, quando ela diz "mas eu precisava, foi o que eu encontrei e eu fui". Nesse momento, fica ainda mais evidente a dissociação da atividade da *Sugar* com a prostituição, embora, no enunciado FD14, a associação apareça, o que fica explícito pela fala "se eu fosse garota de programa acho que eu não teria psicológico pra ser". Em oposição, suas amigas, entendendo apenas o conceito monetário do ato de Marcela, aprovaram sua

escolha, desejando nesse momento o dinheiro do encontro. Além disso, Marcela, a partir dessa primeira experiência, desenvolve uma estratégia de aliar a atividade a um contexto de “atração física” na escolha de seus parceiros dentro do site de relacionamentos.

Eu conheci um rapaz de outro estado muito, muito, muito fofinho, uma gracinha. [...] Só que o lance com ele [pausa] era o seguinte, ele não dava o dinheiro, tipo assim, olha tá, cê vai ficar aqui comigo e eu vou te dar seiscentos reais. Ele gostava de viajar, de pagar as coisas pra mim, então acabou que a gente ficou amigos, porque ele queria companhia para viajar para algum lugar, eu ia com ele. (FD16, Marcela)

No FD16 analisado, o dinheiro passa a estar mais implicitamente na relação, não representando em um primeiro momento a troca de sexo por dinheiro. A produção do discurso de Marcela corrobora o discurso do site Meu Patrocínio quando o site descreve “Relações com ganhos mútuos” (FD17, Meu Patrocínio), podendo entrar nessa relação mimos, viagens e algum outro benefício previamente acordado.

Recentemente eu conheci um rapaz que ele tem 30 anos, ele é casado [pausa] e ele queria sair comigo casualmente. E a gente saiu, sai com ele uma vez. E ele me ajuda com dinheiro também, sabe? [...] E o que começou a me irritar muito é que eles chegavam, e achavam que por eles estarem me ajudando financeiramente, eles tinham algum domínio sobre mim, sabe? Então eu achei o cúmulo, porque o cara era casado, e ele tinha ciúme de mim. Ele queria controlar onde eu tava indo e tal. (FD18, Marcela)

Em termos de condições sociais de produção de discurso, no FD18 encontramos formas explícitas da ligação identitária dos homens com a função de provedores e, como consequência intrínseca de uma relação desigual, controladores (Pateman, 1993; Jeffreys, 2009). Mais uma vez, a mulher aqui é objeto (Pateman, 1993), logo, deve se portar como o homem deseja. O *Daddy* ainda reproduz um discurso de dominador, mesmo que, nesse caso, ele tenha outro relacionamento, e a proposta para a *Baby* seja casual (Freire Filho, 2004) A produção do discurso de Marcela reforça a propriedade negativa da relação “o homem que fornece o dinheiro tem total controle sobre você” (FD19, Marcela).

É uma troca de interesses mútuos. A gente usa muito esse termo lá. [...] A mulher que quer sair com o cara que tem dinheiro, com o cara rico, ela é interesseira. Só que a gente nunca fala dos homens que só querem sair comigo porque eu sou bonita, porque eu sou atraente, os caras que só querem transar comigo. Eles que são interesseiros, sabe? (FD20, Marcela)

No FD20, analisamos o discurso do por Marcela sobre o interesse mútuo. A entrevistada naturaliza o relacionamento pago, em oposição aos preconceitos da sociedade com as mulheres que prestam serviços ligados ao sexo, tratando-as como semi criminosas (Blanchette & Silva, 2009).

Eu sinto que eu tô praticando [...] as minhas escolhas, sabe? E, é uma coisa que se eu contar para as pessoas elas podem ter uma visão distorcida a respeito de mim, um juízo preconceituoso, mas eu sinto que eu tô sendo livre fazendo o que eu quero. [...] E eu continuei porque eu gosto, eu gosto de conhecer pessoas. (FD21, Marcela)

Eu não consigo ficar com uma pessoa só. Eu gosto de curtir, eu gosto de encontrar várias pessoas diferentes, eu gosto de ir conhecer novas histórias diferentes, eu gosto de provar novos gostos, novos cheiros diferentes e eu gosto de ser acompanhante, pra mim é mais prazeroso. (FD22, Yasmin Mineira)

Analisamos um interdiscurso mediante o enunciado de Marcela em FD21, que se liga ao discurso da garota de programa Yasmin Mineira, em FD22, que afirma gostar de ser acompanhante de luxo por não gostar de ter um relacionamento fixo. As entrevistadas acreditam que a acompanhante impede a continuidade do relacionamento com o cliente. A análise dos entrecruzamentos encontrados nos discursos das duas meninas, a *Sugar* e a acompanhante de luxo, remetem à liberdade de exercer a sua sexualidade. Os contextos sociais construídos para a reprodução do discurso as colocam em posições em que diferentes estratégias discursivas as colocam em significações distintas interseccionalmente (Piscitelli, 2012). No entanto, se a acompanhante de luxo ocupa um lugar condenado pela sociedade, a *Sugar* também se relaciona com esses esquemas de condenação, uma vez que reconhece que, se “contar para as pessoas elas podem ter uma visão distorcida a respeito de mim, um juízo preconceituoso”.

Eu acho bacana isso, assim, os parâmetros que eu vejo mais comparativos da prostituição e do Meu Patrocínio. É um termo que seria assim, é uma prostituição implícita. Ela não é tão na cara, o cara vem aqui, deita e vai embora. É uma coisa que você constrói com a pessoa. Às vezes a pessoa quer transar, às vezes ela não quer, às vezes ela quer só conversar. [...] Se o cara falar que quer me comer e ainda vai pagar meu cartão de crédito eu acho justo. Honestíssimo. Inclusive eu quero várias relações assim. (FD23, Marcela)

Apesar do assunto também envolver sexo, não é a mesma coisa. Porque acompanhante você paga pelo período dela, e a Baby é uma pessoa que você cria um vínculo. [...] Sexo também envolvido, e eu acho que a *Baby* é uma relação mais afetuosa, uma relação mais íntima, uma relação mais durável assim. (FD24, Yasmin Mineira)

Nos FD23 e FD24, analisamos aspectos que categorizam diferenças na relação da atividade do sexo da mulher (Wry & Glynn, 2011). Em FD23, pela primeira vez no decorrer da entrevista, Marcela caracteriza a atividade da *Sugar* como uma “prostituição implícita”, se contrapondo implicitamente às estratégias discursivas do negócio Meu Patrocínio. Yasmin, por sua vez, em FD24, acaba se ligando mais ao que, em termos de elemento de composição discursiva da atividade *Sugar*, se pressupõe uma diferenciação em relação à prostituição: a criação de um “vínculo”, uma “relação mais afetuosa”, “mais íntima”. No entanto, sabemos que a prostituição também pode, em alguns casos, desenvolver tais relações mais íntimas, especialmente em casos em que a prestação de serviço para uma mesma pessoa se dá de maneira mais repetida e prolongada.

Eu preciso de dinheiro, e eu falo, não tenho interesse em manter uma relação estável, [...] eu quero coisas bem casuais mesmo. [...] Eu pergunto pra ele, ‘o que você quer de mim assim?’ Aí alguns falam, ‘ah eu quero só a companhia’ ‘ah que quero sexo casual’. (FD25, Marcela)

Analisamos o discurso FD25 da *Baby*, no momento em que ela reproduz os acordos que faz com os *Daddies*. Em continuidade, ela expõe um tipo de relacionamento semelhante ao da acompanhante de luxo, descartando envolvimento, vínculos futuros e estabilidade (Prada, 2018), o que denota a ambiguidade da atividade *sugar*.

Os homens pagam para entrar, [...] para eles estarem com o perfil ativo aqui. As meninas não pagam. [...] Eu falei com ela assim 'Ai amiga eu acho um saco, ter que ficar conversando come esse monte de homem pra achar um que vai dar certo. Fico com preguiça'. Ela falou assim 'Marcela, encare isso como um trabalho', ela falou 'Eu encaro isso como um trabalho, eu tiro um momento do meu dia pra responder as pessoas'. Aí eu acho que é semelhante com o processo de prostituição, por exemplo. (FD26, Marcela)

A análise do FD26 de Marcela apresenta explicitamente semelhanças da atividade *Sugar* com a prostituição, e também com o trabalho (O'Neill, 2001). Por outro lado, como dito anteriormente, trabalho não é uma vinculação feita pelo site. Isso nos remete às horas envolvidas com o trabalho, e a contrapartida financeira. Em outra posição, percebemos o *Daddy* como cliente do Meu Patrocínio. O dinheiro investido por ele no Meu Patrocínio, e a relação configurada pelo site, faz com que a organização que o representa atue como um "cafetão" de uma atividade de prestação de serviços que envolve troca monetária por sexo. Nesse sentido, entendemos que, por gestar o site de relacionamentos, o Meu Patrocínio fica com uma parte do dinheiro investido pelo homem na relação.

Num contexto da prostituição, o Cafetão é quem recebe parte do dinheiro das prostitutas, retratado como problema por Marcela: "O problema da prostituição é que tem uma pessoa que administra você ali e oferece os clientes e acaba que ela pega uma grana sua" (FD27, Marcela). Na organização do negócio *Sugar*, o que acontece é que a parte de quem organiza o sistema já é previamente paga pelos homens, reduzindo inclusive riscos das transações. O acesso às mulheres só se dá com o pagamento prévio. E o que for acordado diretamente entre *Baby* e *Daddy* fica aberto às negociações diretas entre eles. A ordem de transação é alterada em relação ao que

convencionalmente se tem nas atividades ligadas ao sexo, mas o lucro é mantido na intermediação chamada de relacionamentos.

Eu uso como uma ferramenta de empoderamento, porque eu estou fazendo o que eu quero, na hora que eu quero, sendo sincera, buscando pessoas que estão sendo sinceras comigo também, para ter uma relação mútua de interesse mútuo. E assim, é uma ferramenta que eu uso para ser quem eu quero ser, sabe? De fazer o que eu quero fazer, me encontrar com o que eu quero fazer, e sem julgamentos. [...] Se eu falasse que eu sou prostituta, que eu faço programa, eu acho que as pessoas não iam ter esse olhar comigo. Não iam falar 'nossa sério? Me passa isso'. (FD28, Marcela)

O entrecruzamento invocado no discurso FD28 da *Baby*, feminista, empoderada, livre para exercer sua sexualidade (Jolin, 1994) de forma explícita se posiciona contra a representação estigmatizada da prostituta, da garota de programa, marginalizada, julgada e excluída na sociedade (Fabricio & Grillo, 2009), discurso esse que também pode ser encontrado em diálogos com mulheres que se identificam como prostitutas. Percebemos, por fim, que o ato de se ligar a uma atividade do sexo, de ser responsável por ele, é concebido de maneira ambígua por Marcela. Ao mesmo tempo em que reconhece que é um trabalho, reconhece que é uma prostituição implícita, também reproduz o discurso da organização a que se liga, que a coloca numa posição de não prostituta, e de quem não faz programa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, a proposta era analisar como ocorre o processo de ressignificação de atividade ligada ao sexo, associado à estereotipia negativa da prostituição, a partir das

personagens discursivas da *Sugar Baby* e do *Sugar Daddy*. Os resultados evidenciam que há estratégias discursivas utilizadas pela organização Meu Patrocínio que, por meio de uma relação capitalista, organiza o estabelecimento de contato entre homens que querem investir dinheiro em relações com mulheres, significadas como *Babies*, numa relação de práticas paternais e potencialmente sexuais, íntimas e afetivas com seus *Daddies*.

Tais estratégias ocorrem por meio do afastamento da atividade da significação de trabalho, embora a dimensão do trabalho apareça nos discursos da *Sugar* entrevistada. Ou seja, tem-se uma relação de trabalho, que não é reconhecida como tal. Além disso, a atividade flerta o tempo todo com a significação da prostituição, mas dela se afasta numa estratégia do novo: novas personagens, novas relações.

Há uma ligação, também, do vínculo da *Sugar* entrevistada com um contexto de ausência da figura que paterna em sua vida mais concreta e cotidiana, no momento em que sai de casa para ir estudar em outro local. A possibilidade de obter renda suficiente para garantir uma vida financeira estável, além de adquirir bens que deseja possuir, traz certa satisfação proporcionada pela atividade. Nesse contexto, uma dinâmica é por vezes silenciada: a de que esse trabalho, que abrange o corpo em si, faz com que elas se tornem objetos de exploração tanto dos clientes, quanto, primordialmente, do site Meu Patrocínio por não haver regulamentação do trabalho realizado. E, também, pela instabilidade dos vínculos proporcionados poder colocar essas mulheres também em situações de violência, e de precariedade de relações.

Nesse sentido, o que se faz neste texto, de maneira ligada ainda ao acesso a dados bastantes circunscritos para análise, é trazer o incentivo ao debate acerca de uma atividade que acaba se constituindo enquanto econômica, baseada em trocas, que é silenciada no que se refere aos direitos das mulheres. Tal processo é intensificado a partir das ligações das estratégias discursivas com os efeitos estruturais de uma

sociedade de base patriarcal, e de reprodução sistêmica de desigualdades de gênero, que são também silenciadas na composição de algo novo, mas de bases estratégicas reconhecidas nos processos sócios históricos.

REFERÊNCIAS

Alencar, Edgar (1999). *Introdução à metodologia de pesquisa social*. Lavras: UFLA/DAE.

Assis, Daniela T. F. & Macedo, Kátia B. (2008). Psicodinâmica do trabalho dos músicos de uma banda de blues. *Revista Psicologia e Sociedade*, 20(1), 117-124.

Barreto, Letícia C. & Prado, Marco A. M. (2010). Identidade das prostitutas em Belo Horizonte: as representações, as regras e os espaços. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 5(2), 193-205.

Barry, Kristen L. (1984). *The prostitution of sexuality*. New York: New York University Press.

Beauvoir, Simone. (1972). *The Second Sex*. London: Penguin.

Blanchette, Thaddeus G. & Silva, Ana P. (2009). Amor um real por minuto: a prostituição como atividade econômica no Brasil urbano. In Sonia Correa & Richard Parker (Orgs.). *Sexualidade e política na América Latina: histórias, intersecções e paradoxos* (pp. 192-233). Rio de Janeiro: SPW.

Butler, Judith (1993). *Critically Queer*, *GLQ*, 1, 17-32.

Câmara dos Deputados, (2012, julho). *Projeto de Lei Ordinária n. 4211/2012*. Projetos de Leis e outras proposições. Recuperado em 25 de abril, 2017 de <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=551899>.

Câmara dos Deputados, (2003, fevereiro). *Projeto de Lei Ordinária n. 98/2003*. Projetos e Leis e outras proposições. Recuperado em 25 de abril, 2017 de <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=104691>.

Collis, Jill & Hussey, Roger (2005). *Pesquisa em administração: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação* (2a ed). Porto Alegre: Bookman.

Dodsworth, Jane (2012). Pathways through sex work: childhood experiences and adult identities. *British Journal of Social Work*, 42(3), 519-536.

Faria, Antônio A. M. (2009). Aspectos de um discurso empresarial. In Alexandre P. Carrieri, Luiz A. S. Saraiva, Thiago D. Pimentel & Pablo A. G. de Souza-ricardo (Orgs.). *Análise do discurso em estudos organizacionais* (pp. 45-52). Curitiba: Juruá.

Foucault, Michael (1999). *História da sexualidade I: a vontade de saber* (13a ed). Rio de Janeiro: Graal

Freire Filho, João (2004). Mídia, estereótipo e representação das minorias. *Revista Eco-Pós*, 7(2), 45-71.

Goffman, Erving (1988). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC.

Grillo, André & Maciel, Fabrício (2009). O trabalho que (in)dignifica o homem. In Jessé Souza (Org.). *Ralé brasileira: quem é e como vive* (pp. 241-277). Belo Horizonte: UFMG.

Guiraldelli, Reginaldo (2012). Adeus à divisão sexual do trabalho? Desigualdade de gênero na cadeia produtiva da confecção. *Revista Sociedade e Estado*, 27(3), 709-732.

Hirata, Helena & Kergoat, Danièle (2007). Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, 37(132), 595-609.

Jeffreys, Sheila (2009). *The industrial vagina: the political economy of the global sex trade*. London: Routledge.

Jolin, Annette (1994). On the backs of working feminists: feminist theory and prostitution policy. *Crime and Delinquency*, 40(1), 69-83.

Lopes, Concimar S., Rabelo, Ionara V. M & Pimenta, Rosely P. B. (2007). A bela adormecida: estudo com profissionais do sexo que atendem à classe média alta e alta na cidade de Goiânia. *Revista Psicologia Social*, 19(1), 69-76.

Mattos, Patrícia (2009). A dor e o estigma da puta pobre. In Jessé Souza (Org.). *Ralé brasileira: quem é e como vive* (pp. 173-204). Belo Horizonte: UFMG.

Meu Patrocínio (2017). Meu patrocínio. Brasil, 2017. Recuperado em 01 maio, 2017 de: <https://www.meupatrocínio.com/?gclid=CPf7oNmzz9MCFQmAkQodF0sFqg>.

Ministério do Trabalho e Emprego. (2002). Classificação brasileira de ocupações. Brasil. Recuperado em 10 abril, 2017 de: <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>.

Moreira, Isabel C. C. C & Monteiro, Claudete. F. S. (2009). Vivência da entrevista fenomenológica com prostitutas: relato de experiência. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 62(5), 789-792.

O'Neill, Maggie. (2001). *Prostitution and feminism: towards a politics of feeling*. Cambridge: Polity Press.

Oliveira, Mônica Q. (2008). *Prostituição e trabalho no baixo meretrício de Belo Horizonte: o trabalho da vida nada fácil*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.

Pasini, Elisiane (s.d.). Prostituição e a liberdade do corpo. Clam. Recuperado em 10 junho, 2019 de: <http://www.clam.org.br/uploads/conteudo/elisiane.pdf>.

Pateman, Carole (1993). *O contrato sexual*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Piscitelli, Adriana (2012). Feminismos e prostituição no Brasil: Uma Leitura a Partir da Antropologia Feminista. *Cuadernos de Antropología Social*, 36, 11-31.

Piscitelli, Adriana (2005). El tráfico del deseo: interseccionalidades no marco do turismo sexual no Nordeste do Brasil. *Quaderns de l'Institut Catalé d'Antropologia*, 4b, 1-15.

Prada, Monique (2018). *Putafeminista*. São Paulo: Veneta.

Russo, Gláucia (2007). No labirinto da prostituição: o dinheiro e seus aspectos simbólicos. *Caderno CRH*, 20(51), 497-515.

Saraiva, Luiz A. S. (2009). *Mercantilização da cultura e dinâmica simbólica local: a indústria cultural em Itabira, Minas Gerais*. Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.

Scott, Joan (1986). Gender: a useful category of historical analyses. *The American Historical Review*, 91(5), 1053-1075.

Silva, Caroline R. (2020) *As sugar babies e os relacionamentos afetivos monetários: a (re)significação da atividade do sexo a partir do mundo sugar*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Brasil.

Silva, Késia A. T., Borges, Guilherme, Mafra, Flávia L. N., & Cappelle, Mônica. C. A. (2013). Ser prostituta: o sentido do trabalho moralmente inaceitável. *GESTÃO.Org-Revista Eletrônica de Gestão Organizacional*, 11(2), 215-246.

Souza, Eloísio M. (2016). Fazendo e desfazendo gênero: a abordagem pós-estruturalista sobre gênero. In Alexandre P. Carrieri, Juliana C. Teixeira & Marco C. R. Nascimento (Orgs.). *Gênero e trabalho: perspectivas, possibilidades e desafios no campo dos estudos organizacionais* (pp. 23-55). Salvador: EDUFBA.

Teixeira, Juliana C., Nascimento, Marco C. R. & Antonialli, Luiz M. (2013). Perfil de estudos em administração que utilizaram triangulação metodológica: uma análise dos anais do EnANPAD de 2007 a 2011. *Revista de Administração*, 48(4), 800-812.

Teixeira, Juliana C., Saraiva, Luiz A. S., & Carrieri, Alexandre. P. (2015). Os lugares das empregadas domésticas. *Organizações & Sociedade*, 22(72), 161-178.

Tyler, Melissa & Cohen, Lauren. (2010). Spaces that Matter: Gender Performativity and Organizational Space. *Organization Studies*, 31(2), 175-198.

Van Dijk, Teun A. (1997). Discourse as interaction in society. In: Van Dijk, T. A. (Ed.). *Discourse as social interaction* (pp. 1-37). London: Sage.

Wry, Tyler M. L. & Glynn, Mary A. (2011). Legitimizing nascent collective identities: coordinating cultural entrepreneurship. *Organization Science*, 22(2), 449-463.

NEM TRABALHADORAS, NEM PROSTITUTAS: ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS DE SIGNIFICAÇÃO DAS RELAÇÕES ENTRE AS *SUGAR BABIES* E OS *SUGAR DADDIES*

Resumo

O presente artigo objetiva analisar o processo de ressignificação de atividade ligada ao sexo, associado à estereotipia negativa da prostituição, a partir das personagens discursivas da *Sugar Baby* e do *Sugar Daddy*. *Sugar Babies* são meninas que se propõem a relacionamentos de trocas acordadas previamente com homens, que são chamados de *Sugar Daddies*. A pesquisa é qualitativa e descritiva, e envolveu a realização de entrevista com uma estudante universitária que atua como *Sugar Baby*, pesquisas documentais envolvendo discursos contidos no site de relacionamento Meu Patrocínio, e reportagem televisiva a respeito da atividade. Foi utilizada a abordagem teórico-metodológica da Análise Francesa do Discurso. Os resultados evidenciam que há estratégias discursivas utilizadas pela organização Meu Patrocínio que, por meio de uma relação capitalista, organiza o estabelecimento de contato entre homens que querem investir dinheiro em relações com mulheres, significadas como *Babies*, numa relação de práticas paternas e potencialmente sexuais, íntimas e afetivas.

Palavras-chave

Sugar Baby. *Sugar Daddy*. Prostituição. Trabalho do Sexo. Meu Patrocínio.

PROSTITUTAS, NO, *SUGAR BABIES*: EL SIGNIFICADO DEL ESTIGMA DEL TRABAJO CON EL SEXO DESDE EL SIGNIFICADO DE LAS RELACIONES ENTRE *SUGAR BABIES* Y *SUGAR DADDIES*

Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar el proceso de reencuadre de la actividad sexual, asociado al estereotipo negativo de la prostitución, a partir de los personajes discursivos de Sugar Baby y Sugar Daddy. Sugar Babies son chicas que se proponen previamente acordar intercambiar relaciones con hombres, a los que se les llama Sugar Daddies. La investigación es cualitativa y descriptiva e involucró una entrevista con un estudiante universitario que actúa como Sugar Baby; investigación documental con discursos contenidos en el sitio de relación Meu Patrocínio, y reportaje televisivo sobre la actividad. Se utilizó el enfoque teórico-metodológico del Análisis del Discurso Francés. Los resultados muestran que existen estrategias discursivas utilizadas por la organización Meu Patrocínio que, a través de una relación capitalista, organiza el establecimiento de contacto entre hombres que quieren invertir dinero en relaciones con mujeres, entendidas como Bebés, en una relación de parental y potencialmente sexual. prácticas, íntimas y efectivas.

Palabras clave

Sugar Baby. Sugar Daddy. Prostitución. Trabajo Sexual. Meu Patrocínio.

PROSTITUTES, NO, SUGAR BABIES: THE RESIGNIFICATION OF SEX WORK STIGMA FROM THE RELATIONS SIGNIFICATION BETWEEN SUGAR BABIES AND SUGAR DADDIES

Abstract

This article aims to analyze the process of reframing sex-related activity, associated with the negative stereotype of prostitution, based on the discursive characters of Sugar Baby and Sugar Daddy. Sugar Babies are girls who propose to previously agree to exchange relationships with men, who are called Sugar Daddies. The research is qualitative and descriptive and involved an interview with a university student who acts as Sugar Baby; documentary research involving speeches contained in the relationship site *Meu Patrocínio*, and a television report about the activity. The theoretical-methodological approach of the French Discourse Analysis was used. The results show that there are discursive strategies used by the organization *Meu Patrocínio* that, through a capitalist relationship, organizes the establishment of contact between men who want to invest money in relationships with women, meant as Babies, in a relationship of parental and potentially sexual practices, intimate and effective.

Keywords

Sugar Baby. Sugar Daddy. Prostitution. Sex Work. *Meu Patrocínio*.

CONTRIBUIÇÃO

Caroline Rodrigues Silva

O(A) autor(a) declara que realizou a escrita do artigo como introdução, revisão de literatura, método, análise e conclusão, bem como a entrevista, codificação, análise, reuniões analíticas com as demais autoras e autor e revisões solicitadas pela revista.

Juliana Cristina Teixeira

A autora declara que realizou parte da escrita de referencial teórico e análises da pesquisa apresentada no artigo.

Eloisio Moulin de Souza

O autor declara que realizou a análise de dados.

Chiara Gomes Costanzi

A autora declara que realizou contribuições na realização da entrevista, na transcrição e na análise.

AGRADECIMENTOS

-

DECLARAÇÃO DE INEDITISMO

Es autores declaram que a contribuição é inédita.

CONFLITO DE INTERESSES

Es autores declaram não haver conflito de interesses.

COMO CITAR ESTA CONTRIBUIÇÃO

Silva, Caroline R., Teixeira, Juliana C., Souza, Eloisio M., Costanzi, Chiara G. (2021). Nem trabalhadoras, nem prostitutas: estratégias discursivas de significação das relações entre as *sugar babies* e os *sugar daddies*. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 8(23), 929-969.